

suínoBrasil

vol. 19 núm. 3 (2025)

pág. 36

USO DE DDGS NA NUTRIÇÃO DE SUÍNOS: POTENCIAL NUTRICIONAL E IMPACTOS NO DESEMPENHO ANIMAL

Brenda Carolina P. dos Santos, Juliane Kuka
Baron, Maria Letícia B. Mariani, Alex Malorka;
Simone Gisele de Oliveira
Programa de Pós Graduação de Zootecnia – UFPR

porciNews
.com

40%



Mais de 40%
dos suínos no Brasil
consomem
DYSANTIC

OPINIÃO DO ESPECIALISTA

Por Janice Zanella

A chegada da influenza aviária de alta patogenicidade (IAAP) ao sistema de produção pecuário global trouxe novos desafios para a sanidade animal.

»» Este vírus, pertencente ao tipo influenza A, possui caráter zoonótico, ou seja, pode infectar aves, mamíferos domésticos, silvestres, animais de companhia e até seres humanos.

INFLUENZA AVIÁRIA: QUAL A AMEAÇA PARA A SUINOCULTURA BRASILEIRA?



No Brasil, a **suinocultura deve permanecer em alerta**, uma vez que os suínos representam uma **espécie-chave** na **dinâmica de recombinação viral**.

O suíno como “mixing vessel” e a disseminação global da IAAP

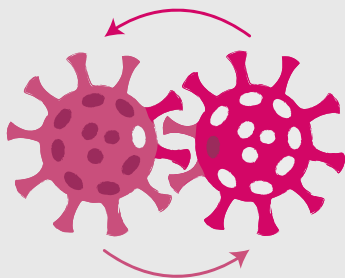
Os suínos possuem receptores celulares capazes de reconhecer tanto vírus de origem aviária quanto de mamíferos, inclusive humanos.





Isso confere à espécie a característica de “*mixing vessel*” (vasos de mistura) – ou seja, um hospedeiro em que diferentes vírus de influenza podem se recombinar.

Quando duas variantes infectam a mesma célula, seu material genético segmentado pode se rearranjar, originando novas combinações virais, potencialmente mais adaptadas e transmissíveis.



Esse fenômeno é particularmente preocupante diante da circulação de diferentes subtipos no mundo. **O clado 2.3.4.4b do vírus H5N1**, que surgiu em 2013, já se espalhou da Europa para Ásia, América do Norte, América do Sul e até Antártica, alcançando uma **distribuição global inédita**.

A proximidade entre as cadeias de aves e suínos (ou mesmo bovinos de leite) no Brasil, principalmente na região Sul, aumenta a possibilidade de contato indireto com o vírus.



»» Compartilhamento de transportes, ração e estruturas produtivas são fatores que elevam o risco.

Risco para a produção suinícola brasileira

No Brasil, a ameaça torna-se mais concreta devido a fatores estruturais do sistema de produção:

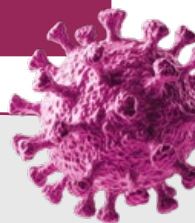
Convivência próxima de aves e suínos, especialmente nas regiões Sul, onde as mesmas empresas atuam em ambas as cadeias;

Alto grau de movimentação e mistura de animais, característica do modelo comercial de produção intensiva;

Prevalência elevada de influenza suína, já endêmica no país, com estimativas de soropositividade em cerca de 70% dos plantéis;

Transmissão aérea e ambiental, uma vez que o vírus é altamente infeccioso e persistente em condições ambientais desfavoráveis.

O maior risco é a ocorrência de **rearranjos entre o vírus aviário e o vírus suinícola endêmico**, possibilitando o surgimento de uma variante com maior eficiência de replicação e capacidade de transmissão entre suínos – e, potencialmente, para humanos.



Lições de outros sistemas de produção

Experiências recentes mostram a complexidade do controle. **Nos Estados Unidos, surtos de influenza aviária resultaram em elevada mortalidade de aves comerciais e na necessidade de abate sanitário em larga escala.**



Mesmo com compensações financeiras aos produtores, falhas em protocolos de biossegurança permitiram a manutenção do vírus em circulação.



Casos inesperados de infecção em bovinos leiteiros reforçam a capacidade de adaptação viral, possivelmente facilitada por práticas de manejo (compartilhamento de recursos hídricos, ordenhadeiras contaminadas, dentre outros).

Recomendações para prevenção da IAAP em granjas de suínos

1 Controle de acesso à propriedade



Quarentena para visitantes internacionais.



Proibição de entrada de pessoas que visitaram outras propriedades (avícolas, leiteiras ou suínas).



Registro de entrada e saída.



Protocolos obrigatórios de espera e desinfecção.

2 Uso de EPIs e desinfecção



EPIs obrigatórios: botas, macacões e luvas descartáveis.



Desinfecção de veículos, ferramentas e materiais na entrada e saída.

3 Água e alimentação seguras



Utilizar apenas água tratada para bebedouros e higienização.



Proibição do uso de água de rios, lagoas ou açudes.



Proibição do uso de leite cru como suplemento alimentar para suínos.

4 Barreiras físicas contra animais



Instalação de telas, cercas e galpões vedados.

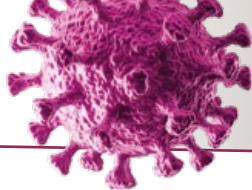


Impedir contato com aves silvestres e animais carniceiros (gambás, raposas, roedores).



Prevenir acesso de javalis ou suçueiros asselvajados.





5 Vigilância ativa e resposta rápida

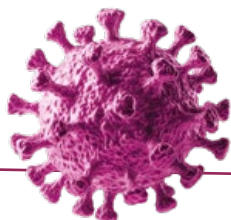
-  Coleta de amostras de suínos sintomáticos e assintomáticos para testes (subtipagem e sequenciamento genético).
-  Monitoramento de mutações e variantes com potencial zoonótico.
-  Plano de ação emergencial: isolamento, notificação e contenção em casos suspeitos ou confirmados.

6 Capacitação e conscientização

-  Treinar funcionários e produtores sobre riscos do H5N1.
-  Explicar formas de transmissão e importância do cumprimento das medidas de biossegurança.

7 Integração Saúde Única (One Health)

-  Reforçar o papel dos produtores na vigilância epidemiológica.
-  Recomendar vacinação para gripe anualmente para funcionários e produtores.



Considerações finais



A influenza aviária de alta patogenicidade é um vírus que “chegou para ficar” no cenário global.

No Brasil, a proximidade entre cadeias produtivas, a alta densidade animal e a circulação endêmica de influenza suína configuram um ambiente propício para eventos de recombinação.



A manutenção de **elevados padrões de biossegurança**, aliada ao **monitoramento epidemiológico** contínuo e à **pesquisa em vacinas e estratégias de controle**, será determinante para reduzir o impacto potencial desse agente na suinocultura nacional.

Influenza Aviária: Qual a Ameaça para a Suinocultura Brasileira?

BAIXAR EM PDF

